



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

SIMONE PEDRO DE ARAÚJO

**A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS NA
LECAMPO/UFCG NA PERCEPÇÃO DE CONCLUINTES E
EGRESSOS DO CURSO.**

**SUMÉ - PB
2018**

SIMONE PEDRO DE ARAÚJO

**A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS NA
LECAMPO/UFCG NA PERCEPÇÃO DE CONCLUINTES E
EGRESSOS DO CURSO.**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do Campo do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Educação do Campo.**

Orientadora: Professora Ma. Carolina Figueiredo de Sá.

**SUMÉ - PB
2018**

A659f Araújo, Simone Pedro de.

A formação por área de conhecimentos na LeCampo/UFCG na percepção de concluintes e egressos do curso. / Simone Pedro de Araújo. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

61 f.

Orientador: Professora Ma. Carolina de Figueiredo Sá.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Licenciatura em Educação do Campo. 2. Currículo. 3. Formação docente. I. Título.

CDU: 37.018(043.1)

SIMONE PEDRO DE ARAÚJO

**A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS NA
LECAMPO/UFCG NA PERCEPÇÃO DE CONCLUINTES E
EGRESSOS DO CURSO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

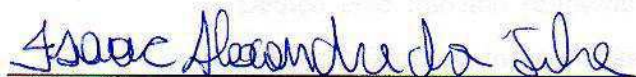
BANCA EXAMINADORA:



**Professora Ma. Carolina de Figueiredo Sá.
Orientadora – UAEDUC/CDSA/UFCG**



**Professor Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.
Examinador I – UAEDUC/CDSA/UFCG**



**Professor Dr. Isaac Alexandre da Silva.
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 19 de agosto de 2018.

Dedico esse trabalho primeiramente ao meu Deus que sempre cuidou de me com tanta misericórdia e graça. Dedico também aos meus pais Maria Socorro e Sebastião, minha fortaleza. E por ultimo dedico a minha querida orientadora Carol Sá, que me ajudou extremamente, e que se tornou uma grande amiga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o rei da minha vida que tem me sustentado todos os dias com suas fortes mãos para que eu chegasse até aqui, nele tive forças suficientes para caminhar, passei por grandes problemas, e Deus foi meu refúgio em dias de dor e sofrimento. Oh Deus meu ouviste o meu clamor e me deste abrigo, te agradeço por sua graça em minha vida, amém.

Agradeço a minha família por toda dedicação e apoio ao longo da minha caminhada, minha família foi a base para que eu conseguisse conquistar tantas batalhas, agradeço aos meus pais Maria Socorro e Sebastião por cuidarem tanto de me, e principalmente a minha mãe, pois ela é símbolo de amor e segurança na minha vida, sempre trabalhou tanto para conseguir uma educação de qualidade para seus filhos, e agora eu estou concretizando um sonho que foi sonhado por nós duas mães, te amo extraordinariamente. Agradeço também aos meus irmãos Silmark e Silmaria, a minha prima Daiane, agradeço aos meus tios, João e Deusamar por sempre me tratarem como uma filha, minha avó Hilda, e todo o restante da minha grande e linda família.

Agradeço também aos amigos Leone, Mariana, Aparicido, Jonjon (risos), Rafael, Marília, Leandro, Genilda, Lorientson, Edinilton, Erica, Manuel e todos aqueles que fiz nessa caminhada acadêmica, foram tantos momentos de tristezas e obstáculos enfrentados por todos nós, mas vocês meus amigos me faziam sorrir em meio a todos os problemas. Oh meu amigo Rafael te agradeço por todas as vezes que te liguei precisando de ajuda e você sempre me deu a mão. Em especial agradeço a minha amiga-irmã Leone por ter me agüentado por quase 5 anos (risos), pois foi com você amiga que passei maior parte da minha trajetória, choramos juntas, demos muitas risadas juntas e dividimos muitos momentos que ficarão marcados na minha vida.

Obrigada a todos os meus professores que tanto contribuíram para minha formação, vocês fizeram com toda certeza um grande diferencial em minha vida. E Em especial agradecer a minha querida orientadora Carolina Sá por me motivar e ter tanta paciência comigo, você não faz idéia da gratidão que tenho por ti Carol, me ajudou em meio a um dos momentos mais difíceis da minha vida, obrigada.

Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo.

(Romanos: 15.13).

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a formação por área de conhecimento diante da percepção dos egressos e concluintes da Lecampo, analisando também conceitos chaves na estrutura do curso como Interdisciplinaridade e Multidisciplinaridade. Nessa pesquisa utilizamos a análise do Projeto Pedagógico do Curso educação do Campo, e coletamos dados através de entrevistas semi-estruturadas dos concluintes e egressos da Lecampo. Esse trabalho buscou analisar a formação por área de conhecimento de forma que contribuísse então para que outras análises referentes ao PPC sejam aprofundadas, para que na reformulação curricular em curso possa ocorrer com menos fragilidades, enriquecendo a proposta do curso e fortalecendo ainda mais a formação dos próximos educando a serem formados no curso de Educação do Campo.

Palavras-chave: Licenciatura em Educação do Campo. Estudo de percepção. Currículo.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the formation by area of knowledge before the perception of graduates and graduates of Lecampo, also analyzing key concepts in the structure of the course as Interdisciplinarity and Multidisciplinarity. In this research we used the analysis of the Pedagogical Project of the Field Education Course, and we collected data through semi-structured interviews of the graduates and graduates of Lecampo. This work sought to analyze the training by area of knowledge in a way that would contribute to other analyzes regarding the CFP to be deepened, so that in the current curricular reformulation can occur with fewer weaknesses, enriching the course proposal and further strengthening the training of to be trained in the Field Education course.

Key words: Bachelor's degree in field education. Perception study. Curriculum

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Componentes Curriculares Formação Básica	23
QUADRO 2	Formação Específica em Ciências Humanas e Sociais	24
QUADRO 3	Formação Específica em Ciências Exatas e da Natureza	25
QUADRO 4	Formação Específica em Linguagens e Códigos	26
QUADRO 5	Componentes Curriculares das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	28
QUADRO 6	Prática de Ensino e de Pesquisa	28
QUADRO 7	Estágio Curricular Supervisionado com carga horária e créditos	29
QUADRO 8	Componentes onde consta o termo Interdisciplinaridade	30
QUADRO 9	Componentes onde consta o termo Multidisciplinaridade	30
QUADRO 10	Incidência do termo interdisciplinaridade no PPC do curso	31
QUADRO 11	Incidência do termo multidisciplinaridade no PPC do curso	31
QUADRO 12	Perfil dos entrevistados	34
QUADRO 13	Percepção sobre formação por área de conhecimento dos entrevistados	35
QUADRO 14	Compreensão dos entrevistados sobre interdisciplinaridade	37
QUADRO 15	Concepção dos entrevistados sobre multidisciplinaridade.	39
QUADRO 16	A formação curricular por área de conhecimento na Lecampo	41

LISTA DE SIGLAS

CDSA - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

LECAMPO - Licenciatura em Educação do Campo

MEC - Ministério da Educação

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PIBID-DIVERSIDADE - Programa Institucional de Iniciação à Docência

PPC- Projeto Pedagógico do Curso

SECAD- Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFSE - Universidade Federal de Sergipe

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	OBJETIVOS.....	13
1.1.1	Objetivo Geral.....	13
1.1.2	Objetivos Específicos.....	13
2	CAMINHOS METODOLOGICOS DA PESQUISA.....	14
2.1	TIPO DE ESTUDO.....	14
2.2	PARTICIPANTES.....	14
2.3	INSTRUMENTOS E ANALISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	14
4.4	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	15
3	A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS.....	16
3.1	A LECAMPO/CDSA.....	17
3.2	A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTO, A INTER E MULTIDISCIPLINARIDADE NA LECAMPO.....	18
4	ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA.....	21
4.1.	O PPC DA LECAMPO E A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS.....	21
4.2	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: A PERCEPÇÃO DE EGRESSOS E CONCLUINTES SOBRE A FORMAÇÃO LECAMPO POR ÁREA DE CONHECIMENTO.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERENCIAS.....	48
	APENDICES.....	49

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a concepção de concluintes e egressos da Licenciatura em Educação do Campo, a partir deste momento denominada *Lecampo*, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Universidade Federal de Campina Grande, sobre a formação por área de conhecimentos ofertada pelo curso.

Nossa motivação para realizar esta pesquisa emerge como estudante desta licenciatura, diante das inquietações da autora e da turma de concluintes, sobre como atuar por área de conhecimento, inclusive considerando esta vivência durante o estágio curricular supervisionado do Curso, o conjunto de componentes curriculares do curso e práticas de extensão, pesquisa e iniciação à docência vivenciados neste percurso.

Assim, o presente projeto tem por objetivo compreender a formação por área de conhecimento do curso de Educação do Campo da UFCG/CDSA, e a partir desse eixo analisar a percepção de concluintes e egressos sobre a formação por área de conhecimentos, no sentido de contribuir com a formação dos docentes do referido curso, e na reflexão sobre seu currículo.

A Licenciatura em Educação do Campo é um curso ainda novo no país. Esse tipo de formação é de suma importância para os sujeitos do campo, pois essa modalidade de ensino, voltada à docência e gestão de processos educativos no campo, atende às parcelas da população historicamente marginalizadas das políticas educacionais. A formação por área de conhecimento, característica da proposta das licenciaturas do campo, busca integrar as disciplinas, tendo a preocupação de resgatar também os conhecimentos prévios dos alunos e de seu cotidiano, facilitando o aprendizado e dando significado à realidade em que vivem.

Assim é que o Ministério da Educação/SECADI (2007, p.46), partindo do diagnóstico educacional de extrema desigualdade da oferta e condições de ensino das escolas do campo, define a criação das licenciaturas do campo, com o objetivo específico de "Formar e habilitar professores para a docência multidisciplinar em escolas do campo", nas áreas do conhecimento: Linguagens, Artes e Literatura; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Agrárias.

O diagnóstico do MEC/INEP (2006) indicava que em 2005, apenas 21,6% dos professores dos anos iniciais nas escolas rurais possuíam formação superior, contra 56,4% dos que atuavam nas escolas urbanas. "Além disso, 6.913 funções docentes eram exercidas por professores que tinham apenas o ensino fundamental, a maioria deles atuando nas regiões Nordeste e Norte" (MEC, 2007, p.48). O mesmo relatório afirmava que "A disparidade entre

o nível de formação dos docentes do ensino médio que atuam na zona rural e os da zona urbana também é grande." (Idem, Ibidem).

Assim, além das discussões a respeito da necessidade de formação específica para os docentes do campo, dados sobre desigualdade quanto à remuneração dos professores do campo em relação aos da cidade e os fundamentos legais para a implantação dos cursos de licenciatura do campo, justificou-se a criação destes por formação por área de conhecimentos, habilitando os professores para atuarem multidisciplinarmente nas escolas regulares dos sistemas de ensino, nas atividades de docência e gestão. Neste sentido, Molina (2016) afirma que

A habilitação de docentes por área de conhecimento tem como um dos seus objetivos ampliar as possibilidades de oferta da Educação Básica no campo, especialmente no que diz respeito ao Ensino Médio, mas intencionalidade maior é a de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização e de produção de conhecimento no campo. (MOLINA, 2011, p.85).

A ampliação da "oferta da Educação Básica" (aumentando a quantidade de docentes habilitados), principalmente no ensino médio, e a pretendida mudança na "lógica de utilização e produção de conhecimento no campo" são também destacadas no curso de licenciatura do campo do CDSA/UFCG.

Nesse sentido, consideramos relevante analisar como se dá a formação por área de conhecimento desses futuros docentes, a partir da percepção de concluintes e egressos do curso, pois a qualidade da formação acadêmica de cada profissional reflete em suas ações diante do seu trabalho.

Em outro trabalho, Mariana Leite (2017), analisou o mesmo objeto - a formação Lecampo por área de conhecimento -, porém a partir do olhar dos professores do curso. Em suas conclusões, a autora, também aluna egressa da Lecampo/UFCG, afirma que:

Verificamos nas respostas dos professores que na visão deles a formação por área de conhecimento veio para quebrar os paradigmas do ensino disciplinar, possibilitando assim aos educandos uma visão mais ampla do mundo e da sociedade sendo uma maneira de pensar a realidade de forma mais ampla e integrada, superando a fragmentação das disciplinas.

Assim, perguntamos: alunos concluintes e egressos do curso terão percepção semelhante ou distinta às dos professores do curso? Como a organização curricular, prevista

no PPC do curso, se relaciona às percepções discentes a respeito da formação por área de conhecimento?

Nossa hipótese, a partir do lugar de aluna concluinte do curso, é a de que a percepção dos estudantes deve se distinguir significativamente do enfoque majoritário dos professores. Investigar, portanto, este objeto de estudo a partir da perspectiva discente pode contribuir, assim, para complementar e enriquecer os debates e conhecimentos produzidos na universidade sobre a formação do docente do campo na UFCG.

Assim, após apresentar os objetivos, discutiremos sobre a formação por área de conhecimento das licenciaturas do campo no Brasil e em seguida faremos a análise de dois aspectos: como a formação por área, a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade aparecem no PPC do curso (UFCG/CDSA, 2012) e como ela é percebida por estudantes egressos e concluintes das três áreas de conhecimento do curso.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Compreender a formação por área de conhecimentos da Licenciatura em Educação do Campo em sua relação com a percepção de egressos e concluintes do curso.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Analisar a concepção de formação por área de conhecimento presente na proposta curricular da licenciatura em Educação do Campo CDSA (PPC, 2011);
- Identificar a concepção de concluintes e egressos da Lecampo sobre os conceitos área de conhecimento, inter e multidisciplinaridade;
- Identificar a percepção de estudantes egressos e concluintes do curso sobre a formação por área de conhecimento por eles vivenciada na Lecampo/CDSA.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO DE ESTUDO

O presente trabalho tem uma abordagem qualitativa. Segundo Severino (2007) esse tipo de pesquisa pode abordar diversos procedimentos metodológicos. Em nosso caso, faremos uso também de procedimentos variados, como a análise documental e entrevistas. Do ponto de vista dos seus objetivos, nossa pesquisa terá uma perspectiva descritiva. Segundo Gil (2008) a pesquisa descritiva tem a finalidade de descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Em nosso caso, buscaremos descrever as concepções sobre formação por área de conhecimento, inter e multidisciplinaridade presentes no Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2011) além de buscarmos analisar as experiências e percepções relatadas pelos estudantes egressos e concluintes que entrevistamos.

Assim, quanto aos procedimentos técnicos, o Estudo de campo buscará aprofundar a percepção de concluintes e egressos da Licenciatura através das entrevistas. Conforme Gil (2008) a entrevista é uma forma de interação social, mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Teremos como objetivo, através deste procedimento de pesquisa, captar as explicações e interpretações dos estudantes sobre a formação por área de conhecimento no Curso de Licenciatura.

2.2 PARTICIPANTES

Os participantes para a realização do presente estudo serão estudantes egressos e concluintes do curso de Licenciatura em educação do campo da UFCG/CDSA, das três áreas de conhecimento. Dentro dos limites de tempo para realização deste trabalho, limitamos à um conjunto de 03 estudantes egressos e 03 concluintes, sendo 02 de cada área de conhecimento do curso. A caracterização mais detida dos sujeitos da pesquisa é realizada mais adiante.

2.3 INSTRUMENTOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Inicialmente serão feitas conversas informais para perceber a visão dos pre-concluintes em relação a formação por área de conhecimento, buscando possíveis relações com o apresentado pelo PPC do curso e às características das respectivas áreas de conhecimento.

Após este contato inicial, e a partir de um roteiro de entrevista semiestruturada, será feito o aprofundamento das temáticas através das entrevistas semi-estruturadas.

Todas as entrevistas serão gravadas e transcritas, para fins de análise inspirada na Análise de Conteúdo, de Bardin. Conforme Bardin (Idem, Ibidem), a análise de um corpus de estudos deve ser extensiva (ir do início ao fim do mesmo, sem excluir aleatoriamente determinados elementos fora do estudo) e inicia-se pelo agrupamento temático do conteúdo das entrevistas, em nosso caso. Após esta análise temática, em função de nossos objetivos, cruzaremos estes resultados com os obtidos da análise documental do PPC.

A análise do PPC também será guiada pelos objetivos traçados nesta pesquisa, buscando identificar, em sua parte descritiva e ementário, a presença e sentidos da utilização das categorias "área de conhecimento", "interdisciplinaridade" e "multidisciplinaridade" no texto.

2.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esta investigação está ciente da importância em considerar a Resolução do Ministério da Saúde 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, de que as pesquisas no âmbito das Ciências que lidam com seres humanos, devem ser submetidas à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Para tanto, far-se-á uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contendo os objetivos da pesquisa, a não obrigatoriedade em participar da mesma e o anonimato dos participantes, que será entregue e assinado pelos participantes

3 A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTOS

A Licenciatura em Educação do Campo é uma política pública que nos últimos anos vem se concretizando no Brasil, e surgiu a partir das articulações de diversos movimentos sociais que buscavam não só um modelo de educação voltada para os sujeitos do campo, mas também almejavam o empoderamento e criticidade dos camponeses que por muito tempo lhes foi negado o direito de uma educação de qualidade e inclusiva.

Foi através de diversas lutas travadas que esse modelo de educação pode nascer e se tornar realidade, lutas essas que cresceram por meio das reivindicações e críticas em relação não só a educação como ao modo de vida que era oferecido aos sujeitos do campo. Por muito tempo se acreditava que o campo desapareceria por causa do crescimento urbano, e que os sujeitos que viviam no campo para obter educação deveriam ir à cidade. E por esses motivos e muitos outros faz nascer movimentos sociais que travam batalhas em busca dos direitos dos povos do campo.

Um dos principais movimentos sociais protagonistas da criação da educação do campo foi o MST, que está ligado aos trabalhadores sem terra, pois a educação do campo emerge dos movimentos sociais que lutam pela melhoria de vida dos trabalhadores pobres do campo, não apenas melhorias financeiras, mas principalmente lutam pela dignidade, identidade e cultura de um povo que é oprimido pela sociedade capitalista. E é nesse sentido que o 'do' da educação do campo tem um forte sentido. Segundo Caldart (2009, pg5) "É um 'do' que não é dado, mas que precisa ser construído pelo processo de formação dos sujeitos coletivos, sujeitos que lutam para tomar parte da dinâmica social, para se constituir como sujeitos políticos, capazes de influir na agenda política da sociedade."

Desde 2007 essa graduação vem sendo implantada nas universidades em diferentes estados brasileiros, sendo apoiado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) e organismos internacionais como a UNESCO, que apoiou e financiou os encontros e Conferências Nacionais de Educação do Campo realizados a partir do final dos anos de 1990 e no decorrer dos anos 2000, até a presente década (SOUZA, 2006).

Em 2005, uma proposta de Licenciatura em educação do campo foi sendo construída pelo MEC, a partir de deliberação da II Conferência Nacional da Educação do Campo,

ocorrida em 2004. Segundo Caldart, essa proposta foi criada por meio de uma comissão instituída pelo Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Em 2006, a proposta e convite foram lançados para algumas Universidades Federais do Brasil, e em 2007 foi aprovada a criação institucional do curso. Em setembro deste mesmo ano, foi feita a seleção para um projeto piloto, que tinha como organização curricular a alternância entre tempo escola e tempo comunidade. As Universidades pioneiras nesse projeto piloto da Licenciatura em Educação do Campo foram: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Sergipe (UFSE) e Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Segundo Silva (2009) essa licenciatura é expressão de um movimento nacional que tem se erguido através da força e coletivo dos sujeitos do campo, buscando uma nova escola, uma concepção de educação que contemple a necessidade dos sujeitos do campo, a partir de um projeto de campo que tem como referência a produção rural familiar/camponesa.

Essa nova concepção de educação surge a partir da crítica ao modelo convencional de educação no qual era direcionado aos povos do campo, uma educação rural que não atendia às especificidades do seu público. Essa licenciatura é reflexo de lutas populares em busca de uma educação de qualidade, é por isso que surge a necessidade de um modelo de educação que consiga compreender o modo de vida, as diferenças, a cultura e especificidades dos sujeitos do campo, pois era necessário o reconhecimento de que as pessoas que vivem no campo precisam de uma educação diferenciada na qual é oferecida na zona urbana.

3.1 A LECAMPO/CDSA

O curso de educação do campo foi implantado no ano de 2009 na UFCG/CDSA, mas estava presente nos debates desde o início das discussões sobre esse projeto, porém diferente das outras universidades já citadas, não conseguiu de princípio ofertá-lo.

A UFCG foi convidada a desenvolver uma experiência piloto juntamente com outras quatro universidades públicas federais: UnB, UFMG, UFBA e UFS. Por questões operacionais do Ministério da Educação, o projeto da UFCG não conseguiu ser implementado neste primeiro momento. No entanto, como a discussão coincide com a aprovação da criação do CDSA - Sumé, que em seu projeto já contemplava este curso, a comissão de criação do curso deu continuidade a sua formulação como um curso regular do CDSA. (PPC LECAMPO, 2011, pg10).

Desde então, o curso vem se fortalecendo e amadurecendo ao longo dos anos. Essa licenciatura busca contextualizar o ensino com a vivência e necessidades dos sujeitos do campo do semiárido caririzeiro.

Nesse sentido, a licenciatura em educação do campo tem o objetivo de trabalhar com uma perspectiva inovadora, que contextualiza com a realidade dos sujeitos, relacionando a prática com a teoria, dando vida aos conteúdos curriculares a partir da realidade dos indivíduos, buscando uma educação de qualidade, e que atenda as especificidades do seu público. Esse curso vem tentando contemplar os sujeitos camponeses que por muito tempo lhes foi retirado o direito de ter um modelo de educação que atendesse às suas características específicas. Com isso, a educação do campo busca ajudar na construção de sujeitos críticos.

Nesse contexto, a Lecampo oferece uma formação por área de conhecimento, sendo elas: ciências humanas e sociais, linguagens e códigos e ciências da natureza, que busca integrar os conhecimentos, trabalhando em interdisciplinaridade. Esta foi a orientação do próprio MEC para a criação das licenciaturas do campo, que apontou como objetivo específico destas: "Formar e **habilitar professores para a docência multidisciplinar em escolas do campo**, nas seguintes áreas do conhecimento: Linguagens, Artes e Literatura; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; e Ciências Agrárias." (MEC/SECADI, 2005, grifo nosso). Tal definição nos remete ao debate sobre a inter e multidisciplinaridade e sua relação com a concepção de formação por "área de conhecimento", que trataremos no próximo tópico.

3.2 A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTO, A INTER E MULTIDISCIPLINARIDADE NA LECAMPO

A interdisciplinaridade pode integrar-se em outras áreas específicas, com o propósito de promover uma interação entre o aluno, professor e cotidiano. Segundo Lopes (2012) "A interdisciplinaridade é um elo entre o entendimento das disciplinas nas suas mais várias áreas". Sendo importante, pois abrangem temáticas e conteúdos permitindo dessa forma recursos inovadores e dinâmicos, onde as aprendizagens são ampliadas.

Para Fazenda (2002), o pensar interdisciplinar parte da compreensão de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. Assim por exemplo, aceita o conhecimento

do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido a nossas vidas. Ampliando através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão maior, ainda que utópica, capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo.

Contudo, a formação por área de conhecimento é proposta recente, e por muitas vezes não vista com bons olhos por professores, já que suas metodologias implicam em um esforço maior em integrar os conteúdos das diferentes disciplinas, saindo do lugar de conforto da organização disciplinar.

O que se designa por interdisciplinaridade é uma atitude epistemológica que ultrapassa os hábitos intelectuais estabelecidos ou mesmo os programas de ensino. Nossos contemporâneos estão sendo formados sob um regime de especialização, cada um em seu pequeno esconderijo, abrigado das interferências dos vizinhos, na segurança e no conforto das mesmas questões estéreis. Cada um por si e Deus por todos [...]. (FAZENDA, 2002, pg.24).

Podemos então perceber quão inovadora é a interdisciplinaridade, mas por outro lado percebemos diversas dificuldades enfrentadas por esse modelo de ensino. Este trabalho, além de tentar compreender a formação por área de conhecimento no PPC da Lecampo/UFCG, tem como foco principal analisar a percepção de concluintes e egressos do curso, oriundos das três áreas de conhecimento ofertadas.

Como já foi retratado no início do trabalho, a licenciatura em educação do Campo é algo novo e que está amadurecendo, contudo percebemos que por esse curso ser jovem, os profissionais que atuam na formação desses futuros docentes por muitas vezes nunca trabalharam na perspectiva da interdisciplinaridade. A questão de que grande parte dos docentes Lecampo ministram seus conteúdos centrados na disciplina, em um curso que pretende formar por áreas de conhecimento, é uma contradição que nos conduz à necessidade de uma análise mais ampla, tanto do PPC do Curso, como das estratégias curriculares de sua implantação.

Segundo o PPC do curso a

[...] organização dos componentes curriculares por áreas do conhecimento e estímulo ao **trabalho docente multidisciplinar**, de modo que [os alunos do curso] possam articular na prática pedagógica os conhecimentos teóricos construídos e sistematizados na academia. A formação básica comum para a **docência multidisciplinar** será assegurada a todos os educandos (as), a partir dos fundamentos epistemológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos e históricos da educação, numa perspectiva de contextualização do campo e do semiárido brasileiro. (PPC LECAMPO, 2011, p.51)

Assim, apontamos já algumas contradições, como por exemplo, a perspectiva de formar por área de conhecimento, porém com estímulo e habilitação ao trabalho docente *multidisciplinar*, que segue a lógica disciplinar como numa junção quantitativa de disciplinas. Diante disso, buscaremos analisar todo esse contexto multidisciplinar no intuito de compreender melhor a formação por área de conhecimento, e de como os alunos compreendem e analisam sua própria formação por área de conhecimento.

Na análise do PPC do curso, a seguir, trataremos mais sobre a discussão sobre inter e multidisciplinaridade em sua relação com a concepção de formação por área de conhecimento do curso.

4 ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA

4.1 O PPC DA LECAMPO E A FORMAÇÃO POR ÁREA DE CONHECIMENTO

Como já vimos anteriormente, o curso de educação do campo trabalha numa perspectiva por área de conhecimento, em três áreas, exatas, linguagens e humanas. Dentro dessa perspectiva de ensino, entra a multidisciplinaridade, que pode-se dizer ser a base para a formação dos discentes deste curso, porém também percebemos uma influência interdisciplinar. Nesse ponto, será trabalhada a análise do PPC do curso, para entender qual a concepção de formação por área de conhecimento, analisando a proposta do curso em relação à formação por área, interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Veremos então como esses conceitos são trabalhados ao longo do curso de acordo com o PPC.

Começaremos essa análise pela multidisciplinaridade e interdisciplinaridade e antes de tudo é necessário falar um pouco mais sobre esses conceitos. A multidisciplinaridade, podemos dizer que seja um equipe que reúne pessoas de várias disciplinas para estudar ou desenvolver um trabalho sobre um mesmo objeto, porém cada disciplina detém sua própria visão sem se preocupar com a opinião das outras, ou seja, estudam o mesmo objeto, no entanto cada uma isoladamente no seu espaço (PIRES, 1998).

A multidisciplinaridade parece esgotar-se nas tentativas de trabalho conjunto, pelos professores, entre disciplinas em que cada uma trata de temas comuns sob sua própria ótica, articulando, algumas vezes bibliografia, técnicas de ensino e procedimentos de avaliação. Poder-se-ia dizer que na multidisciplinaridade as pessoas, no caso as disciplinas do currículo escolar, estudam perto mas não juntas. (PIRES, 1998, p.176).

A interdisciplinaridade tem uma visão mais conjunto, ela integra os saberes por um mesmo objetivo (CARNEIRO, 1994). *Inter* significa estar dentro, no interior, então a interdisciplinaridade tem a capacidade de atrelar vários conhecimentos usando a visão de todos os envolvidos na busca da solução para o problema em questão, ela vai além de uma simples junção de disciplinas, ela esta ligada a um conhecimento de um todo, através de uma perspectiva critica chegando a uma visão unitária. Segundo Carneiro (Idem), a interdisciplinaridade depende fundamentalmente de uma atitude de colaboração dos pesquisadores frente ao desafio de uma prática coletiva, com o objetivo de se produzir conhecimento novo, unitário e crítico.

Entre essas duas concepções há uma diferença visível, pois a primeira busca conhecimento em diversas disciplinas, porem sem integrá-las, enquanto a segunda trabalha integrando os conhecimentos para um objetivo comum entre eles (CARNEIRO, 1994).

Abordamos esses conceitos nessa análise uma vez que o PPC do curso explicita como um de seus objetivos formar professores habilitados para ensinar numa proposta multidisciplinar. Segundo os objetivos do PPC, a proposta do curso é habilitar professores (as) para a docência multidisciplinar na educação do campo:

Habilitar professores (as) para a docência multidisciplinar na educação do campo nas seguintes áreas de conhecimento: Linguagens e Códigos, Ciências Humanas e Sociais e Ciências Exatas e da Natureza". (PPC LECAMPO, 2011, pg40).

Assim, os futuros professores da Educação do Campo saem habilitados para ensinar numa perspectiva multidisciplinar, porém no interior de uma área de conhecimento.

O PPC do curso está organizado da seguinte maneira:

Apresentação, Histórico do curso, Identificação do curso, Justificativa para a criação do curso, Justificativa para a criação do curso, Referencial teórico-político do curso, Objetivos do curso, Perfil do educando(a) que ingressara no curso, Perfil do profissional a ser formado pelo curso, Perfil do curso, Campo de atuação do profissional, competências, Atitudes e habilidades, Perfil do docente formador, Formas de acessar ao curso, Organização do trabalho de oferta do curso, Avaliação e acompanhamento, Referências bibliográficas.

O Curso de educação do campo está dividido entre as disciplinas de formação básica, onde nos dois primeiros anos do curso e em algumas outras disciplinas todos os alunos participam juntos independente da área que irão escolher ou que já fazem. As disciplinas específicas são aquelas restritas a cada área de conhecimento, e por último as disciplinas integradoras, que são basicamente as disciplinas que ligam o aluno ao tempo comunidade, onde vai a campo para pesquisar e colocar em prática toda a teoria vista no tempo universidade. Vejamos um pouco sobre a grade curricular do curso nos quadros a seguir.

Quadro 01 – Componentes Curriculares Formação Básica

NÚCLEO	COMPONENTE CURRICULAR
	Antropologia e Educação
	Introdução à Sociologia
	Introdução à Filosofia
	Filosofia e Educação
	Sociologia e Educação
	Psicologia e Educação
	Fundamentos Históricos da Educação
NÚCLEO	COMPONENTE CURRICULAR
	Política Educacional e Educação Básica no
BÁSICO	Brasil
	Didática
	Currículo e Escola
	Gestão dos Processos Educativos
	Avaliação dos Processos Educacionais
	Pesquisa em Educação
	Educação do Campo
BÁSICO DAS AREAS DE CONHECIMENTO	Prática de Leitura e Produção de Textos
	Cultura Corporal
	Fundamentos das Linguagens Artísticas
	Introdução às Ciências Humanas e Sociais
	Introdução às Ciências da Natureza
	Introdução aos Estudos de Linguagens e
	Códigos
	Matemática na Educação Básica I
	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS
	Informática Básica
	Tecnologias Educacionais e Processos de
	Aprendizagem
	Educação Especial
	Educação de Jovens e Adultos
	História e Cultura Afro-Brasileira
	Etnologia Indígena no Brasil
	TOTAL

Fonte: PPC LECAMPO

Segundo o PPC do curso, a **formação básica**, tendo como base o estudo da literatura pertinente e a análise crítica de distintas realidades educacionais, inclui, entre outros aspectos, a “utilização de conhecimento multidimensional sobre o ser humano, em situações de aprendizagem”(PPC, 2011. Pg52). Ou seja os componentes da formação básica do curso buscam iniciar e fortalecer os conhecimentos dos discentes utilizando, em sua maior parte, a multidisciplinaridade como princípio formador. Pois a formação básica está diretamente ligada a formação geral do alunado, utilizando de uma “dimensão filosófica, sociológica, histórica, política, psicológica, econômica, cultural etc.”(PPC, 2011. Pg53). Vale ressaltar que os componentes da formação básica têm uma carga horária superior aos componentes específicos.

Formação Específica

02 – Formação Especifica em Ciências Humanas e Sociais

COMPONENTE CURRICULAR
Educação Popular e Movimentos Sociais
Filosofia Contemporânea
Introdução à Geografia
Geografia do Brasil
Geografia da Paraíba
Cartografia Geral
História Antiga e Medieval
Historia Moderna e Contemporânea
Historia do Brasil
História da Paraíba
Teoria Sociológica I
Teoria Sociológica II
Sociologia Rural
Identidades e Territorialidades
Metodologia do Ensino de Ciências Humanas e Sociais no Ensino Fundamental
Metodologia do Ensino de Ciências Humanas e Sociais no Ensino Médio

03 – Formação Específica em Ciências Exatas e da Natureza

COMPONENTE CURRICULAR
Introdução a Anatomia e Fisiologia Humana
Botânica do Semiárido
Geometria Plana, analítica e espacial
Introdução à Biologia Celular e Molecular
Introdução à Física Geral I
Introdução à Física Geral II
Introdução à Física Geral III
Introdução à Química Geral
Introdução à Química Inorgânica
Introdução à Química Orgânica
Matemática na Educação Básica II
Matemática na Educação Básica III
Microbiologia Básica
Zoologia do Semiárido
Metodologia do Ensino de Ciências Exatas e da
Natureza no Ensino Fundamental
Metodologia do Ensino de Ciências Exatas e da
Natureza no Ensino Médio

04 – Formação Específica em Linguagens e Códigos

FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

COMPONENTE CURRICULAR
Aspectos Morfossintáticos da Língua Portuguesa
Educação Física no Ensino Fundamental e Médio
Educação Musical
Fundamentos da Ciência da Linguagem
Fundamentos Fonéticos e Fonológicos da Língua Portuguesa
Introdução à Sociolinguística
Literatura Brasileira
Literatura e Cultura Popular
Literatura Infantil
Oficina de Artes Visuais
Pedagogia do Teatro
Processos de Alfabetização e Letramento
Teoria da Literatura
Língua Estrangeira A I*

COMPONENTE CURRICULAR
Língua Estrangeira A II*
Língua Estrangeira B I*
Língua Estrangeira B II*
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio
Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Fundamental e Médio
TOTAL

* O aluno optará por duas Línguas Estrangeiras entre Espanhol, Francês e Inglês.

Os componentes curriculares das áreas específicas estão voltadas para tentar abranger conhecimentos básicos para cada área do conhecimento para atuação nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio do campo. Conforme o PPC do Curso:

Abrange, portanto, conhecimentos destinados à capacitação do docente para os conteúdos e metodologias específicas de sua área de atuação, além de conhecimentos que, visando a uma maior atualização da formação docente frente às transformações de uma sociedade complexa e plural. (PPC, 2011. Pg 54).

Formação Integradora

Quadro 05 – Componentes Curriculares das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais

MODALIDADE	COMPONENTE CURRICULAR
	Seminários Integradores; Estudos
	Curriculares; Iniciação Científica; Iniciação à
Atividades	
acadêmico-científico culturais	docência, Monitoria Extensão; Publicações; Participação em eventos acadêmicos;
	Educação tutorial, programas institucionais, assessoria em educação e outras atividades

Quadro 06 - Prática de Ensino e de Pesquisa

MODALIDADE	COMPONENTE CURRICULAR
	Laboratório de Pesquisa e Prática
	Pedagógica em Educação do Campo I
	Laboratório de Pesquisa e Prática
Prática de Ensino e de	Pedagógica em Educação do Campo II
Pesquisa	Laboratório de Pesquisa e Prática
	Pedagógica em Educação do Campo III
	Laboratório de Pesquisa e Prática
	Pedagógica em Educação do Campo IV
	TOTAL

Quadro 07 – Estágio Curricular Supervisionado com carga horária e créditos

MODALIDADE	COMPONENTE CURRICULAR
	Estágio Curricular Supervisionado I
Estágio Curricular	Estágio Curricular Supervisionado II
Supervisionado	
	Estágio Curricular Supervisionado III
	Estágio Curricular Supervisionado IV

O objetivo dos componentes integradores é propiciar aos discentes experiências práticas com atividades de enriquecimento didático, curricular, científico e cultural. Sendo assim busca possibilitar aos alunos integrarem na prática os seus conhecimentos teórico adquiridos no tempo universidade.

Constitui este eixo da formação as atividades complementares à prática docente, tais como: participação em seminários, estudos curriculares, projetos de iniciação científica, monitoria, extensão, prática de ensino e estágio curricular supervisionado (PPC, 2011, Pg 57).

Analisamos os componentes curriculares do PPC do curso da seguinte maneira: buscamos encontrar a incidência do nome multidisciplinar e interdisciplinar no texto do PPC, nas ementas, objetivos e referências bibliográficas de cada componente curricular. Identificamos que nas disciplinas básicas quase não se encontra nada sobre *multidisciplinaridade* ou *interdisciplinaridade* nas referências, ementa, e objetivos dos componentes. Em apenas 4 disciplinas da formação básica encontramos a presença do termo *interdisciplinar*, e o interessante é que todas elas são disciplinas com créditos **práticos** na formação básica, o que nos indica que, possivelmente, a interdisciplinaridade seja trabalhada, no interior da área de formação básica, em sua dimensão prática. Já termo *multidisciplinar* aparece em uma única disciplina da formação básica. Os quadros abaixo mostram disciplinas onde encontramos o termo multi e interdisciplinar.

Quadro 8º

Componentes onde consta o termo <i>Interdisciplinaridade</i>.
Sociologia e educação: Referencias. PG 87
Informática básica: Referencias. 89
Introdução às ciências humanas e sociais: Ementa e Referencias. PG 91
Introdução às ciências da natureza. Objetivos. PG 92
Etnomusicologia: Referencias. PG 113

Quadro 9º

Componentes onde consta o termo <i>Multidisciplinaridade</i>.
Currículo e escola: Objetivos. PG 94
Educação e trabalho: Ementa. PG 110
Gestão Ambiental: Referencias. PG 115
Historia antiga e medieval: Objetivos. PG 31
Historia do Brasil: Ementa e Objetivos. PG 32
Identidade e territorialidades: Ementa. PG 33
Matemática básica na educação básica III: Referencias. PG 141

Nas disciplinas específicas, encontramos apenas 5 vezes a incidência do termo *multidisciplinar*, sendo que 4 delas estão citadas na ementa ou objetivo, e a quinta nas referências. Vale lembrar que essa análise está sendo feita reunindo as três áreas. No geral o termo multidisciplinar consta em 7 disciplinas, 5 disciplinas específicas sendo 3 da área de humanas e 2 da área de exatas, e as outras duas são da formação básica. Nas disciplinas de linguagem nenhuma vez os termos multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade aparecem.

A multidisciplinaridade é citada em todos os pontos da estrutura do PPC do curso, mesmo que seja brevemente. Já a interdisciplinaridade não, ela é citada apenas quatro vezes na estrutura do PPC, e o interessante, é que a palavra interdisciplinaridade aparece nos termos referentes aos componentes integradores, ou seja, o termo interdisciplinar aparece mais nas

disciplinas de Lapecs e nos estágio supervisionados e seminários integradores e, no caso dos componentes da formação básica, aparecem nos componentes mais voltados à prática. Isto é esperado que ocorra, já que tais componentes são aqueles responsáveis pela integração curricular, entre diferentes disciplinas, de modo contextualizado. O problema, talvez, é que os componentes de cunho mais teórico não são de certo modo interdisciplinares, e espera-se do estudante estabelecer esta inter-relação nos componentes da área integradora, na prática.

Quadro 10

Incidência do termo interdisciplinaridade no PPC do curso
Referencial teórico político do projeto, 1 vez. PG 37
Competências, atitudes e habilidades, 1 vez. PG 44
Organização do trabalho pedagógico: estagio 1 vez. PG 49
Formação Integradora: seminário integrador, 1 vez. PG 59
Total: 5 vezes

Quadro 11

Incidência do termo multidisciplinaridade no PPC do curso
Apresentação, 1 vez. PG 7
A educação do campo como direito dos sujeitos do campo. 1 vez. PG 33
Objetivos específicos, 1 vez. PG 39
Perfil do profissional a ser formado pelo curso, 2 vezes. PG 41
Perfil do curso, 1 vez. PG 42
Campo de atuação do profissional, 2 vezes. PG 42 e 43
Organização do trabalho pedagógico. 1 vez. PG 49
Organização curricular, 2 vezes. PG 50 e 51
Formação integradora, 1 vez. PG 57
Resolve, 1 vez. PG 163
Total: 13 vezes.

Vamos recapitular um pouco tudo isso, o curso está fundamentado na multidisciplinaridade, conforme já indicamos, o que se explicita nos objetivos do curso. No entanto, os componentes curriculares da formação básica e específica estão organizados numa perspectiva disciplinar, nos quais pouco se vê referências dos conceitos multidisciplinaridade ou interdisciplinaridade. Porém, nos componentes da área integradora, que diz respeito à prática de alternância do curso, percebemos uma influência significativa da interdisciplinaridade, área na qual o conceito multidisciplinar não é mencionado no ementário.

O que estes dados nos indicam é que, ao que parece, do ponto de vista teórico os alunos são formados numa perspectiva disciplinar. Apoiando-se em uma abordagem multidisciplinar, são ofertadas diversas disciplinas de cada área, porém que pouco se relacionam entre si. No entanto, no tempo comunidade, a prática está fundamentada numa perspectiva interdisciplinar, momentos nos quais se estimula a articulação prática de disciplinas teóricas que se organizam como um somatório e não de maneira a se interpenetrarem. Assim, pode-se, talvez, indicar um paradoxo da estrutura conceitual do curso.

De acordo com o PPC, o curso busca uma educação diferenciada, que possa contextualizar com a vivência dos alunos, sua comunidade e seus saberes, integrando vários saberes em busca da formação de alunos "críticos e criativos" (PPC, 2011). Como podemos ler no trecho a seguir:

Formar educadores (as) para atuação na Educação Básica com competências a fazerem à gestão de processos educativos e a desenvolverem estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos autônomos e criativos capazes de produzir soluções para questões inerentes a sua realidade, vinculadas à construção de um projeto de desenvolvimento sustentável para o país. (PPC, 2011, p.).

Fazenda nos diz que para se fazer uma formação de professores numa perspectiva interdisciplinar é necessário que haja muitos cuidados, existe todo um cuidado e preparação com a teoria e a prática, não dá para se pensar nesse conceito de uma forma apenas prática ou apenas teórica, mas contemplar as diversas janelas de conhecimento que será necessário para se fazer um professor interdisciplinar. Neste sentido, a autora afirma que

[...] requer cuidados de diferentes ordens, cuidados nas pressuposições teóricas investigando os saberes que referenciam a formação de determinado professor, cuidados ao relacionar esses saberes ao espaço e tempo vivido pelo professor, cuidados no investigar os conceitos por ele aprendidos que direcionaram suas ações e, finalmente, cuidado em verificar se existe uma coerência entre o que diz e o que faz. (FAZENDA, 2013, pg24).

Então, Melo (2017) vai dizer que é importante que a proposta pedagógica do curso proporcione uma visão de organização do trabalho docente, não permitindo uma compreensão equivocada da multidisciplinaridade e encaminhando a prática dos professores para ações interdisciplinares. Com isso ela afirma que há um mal entendido visível e que a multidisciplinaridade não seria, de certo, a referencia mais adequada ao curso de educação do campo, e que esse termo foi empregado para obter uma abertura para posterior amadurecimento do curso. Mas, assim, nos perguntamos: que tipo de profissionais o curso realmente quer formar? Alguém que atue "por área de conhecimento", que ultrapasse as fronteiras disciplinares, porém, ao mesmo tempo, que seja "habilitado à docência multidisciplinar"?

Com tudo, são percebidas várias controvérsias nos conceitos, componentes curriculares, e objetivos de que tipo de profissional esta sendo formado. A organização curricular da relação teoria e prática no curso parecem estar um pouco desconectadas ou insuficientemente integradas. Segundo Fazenda (2013) para que a prática se concretize de uma forma satisfatória e construtiva a teoria tem que estar bem alicerçada, para que na prática possa haver uma coerência epistemológica, pois tem que haver um " cuidado em verificar se existe uma coerência entre o que diz e o que faz". (FAZENDA, 2013, pg24).

Se o curso busca contextualizar os conteúdos com a vivência dos alunos, formando profissionais para atuar de uma forma critica e contextualizada, em um sentido integrador deve-se ter uma boa fundamentação teórica dos conceitos que deverão ser trabalhados na prática. "Assim, se tratarmos de interdisciplinaridade na educação, não podemos permanecer apenas nas práticas empíricas. (FAZENDA, 2013. Pg25).

4.2 Análise das entrevistas: a percepção de egressos e concluintes sobre a formação Lecampo por área de conhecimento

Neste tópico analisaremos as entrevistas realizadas com os estudantes egressos e concluintes acerca da formação Lecampo por área de conhecimento. Para isso, transcrevemos todas as entrevistas, na íntegra, e realizamos a análise temática, identificando aspectos como: a concepção sobre formação por área de conhecimento, inter e multidisciplinaridade, além da percepção dos mesmos sobre o processo de formação vivenciado no curso.

4.2.1 Perfil dos entrevistados

As entrevistas foram feitas com 3 egressos e 3 concluintes da Iecampo, duas pessoas por cada área. Para manter anônima a identidade dos entrevistados criamos nomes fictícios para cada um deles. Os dois entrevistados da área de linguagens se chamaram; Laura e Lívio, os entrevistados da área de exatas se chamaram; Elza e Elias, os entrevistados da área de humanas se chamaram; Heitor e Helena.

Quadro 12 -

Nomes	Área de conhecimento	Experiência profissional na área educacional (escolas no campo)	Experiência de iniciação à docência (PIBID) (escolas no campo)	Outro curso superior	Idade	Ano de formação.
Elza	Ciências Exatas da Natureza	Ensinou por 2 anos em uma escola do campo	Não	Pós-graduação: Ensino de Ciências e Matemática para a convivência com o semiárido	27	2015
Elias	Ciências Exatas da Natureza	Nem uma experiência	Sim	Não	22	Concluinte 2018
Laura	Linguagens e códigos	Ensinou no Brasil Alfabetizado	Sim	Não	26	2017
Lívio	Linguagens e Códigos	No Mais Educação	Não	Não	27	2018
Heitor	Ciências Humanas e Sociais	Nem uma experiência	Não	Não	28	Concluinte 2018
Helena	Ciências Humanas e Sociais	Nem uma experiência	Sim	Não	25	Concluinte 2018

Quadro 13 - Percepção sobre formação por área de conhecimento dos entrevistados.

Entrevistados	Percepção
Elza	“Pra mim, trabalhar por área de conhecimento, já que sou formada na perspectiva de área, é você estar, como eu sou na área de exatas, tá interligando conhecimentos de física, química, matemática e biologia”.
Elias	“Eu acho que é você focar especificamente naquele âmbito que você sente mais segurança pra, quem sabe dar aula, ministras aulas. O pessoal que se identifica mais com exatas parte pra área das exatas, de humanas, vai pras humanas e linguagens pra linguagens”
Helena	“Não sei ainda (risos), estou aprendendo. Entendo que área de conhecimento humanas, então vou trabalhar o objeto da área de humanas, o objeto da área das ciências humanas e sociais é o homem, então vou trabalhar todos os aspectos do homem, apartir de um conteúdo eu vou trabalhar, todos os aspectos do homem que permeiam aquele homem, ser social, é geográfico, tudo, questionar que é da filosofia, e filosofia ta ai uma coisa complicada pra mim. Mas espero melhor meu conhecimento, pois ainda não sei de fato”.
Heitor	“Trabalhar por área de conhecimento é, trabalhar, trabalhar por disciplina né? Englobando varias disciplinas”.
Laura	“Trabalhar por área de conhecimento é fraguimentar as áreas né? Isso é obvio, fraguimentar as áreas e trabalhar dentro dessas próprias áreas”.
Lívio	“Trabalhar por área de conhecimento é enveredar por, pela divisão que no caso do curso, linguagens, humanas, exatas. E minha área de conhecimento é linguagens então eu vou ter que trabalhar essa, conteúdos que enriqueçam o conhecimento do aluno nessa área”.

Nas falas dos entrevistados percebemos que a percepção que eles tem sobre formação por área de conhecimento é bastante simples e resumida, e alguns até se confundem ao tentar explicar o que entende sobre o assunto.

Os entrevistados afirmam em seus depoimentos que existem lacunas na construção teórica do PPC, os componentes curriculares não conseguem suprir a reflexão sobre o que é trabalhar por área de conhecimento, há limites de concepção, de certa maneira, do próprio PPC a respeito da formação por área de conhecimento. Ex: o fato de não abordar detidamente em componentes curriculares específicos o trabalho por área de conhecimento; o fato de trabalhar disciplinas que não se relacionam entre si, mesmo sendo da mesma área de conhecimento.

“Não contemplou como deveria (componentes curriculares), tipo objetivo por trás do que ele tem, né?(O curso) Ele objetiva uma coisa, mas que no fim não é”. (Elza)

“Englobam muita coisa e ao mesmo tempo nada” (componentes curriculares). (Heitor)

Essas falas se relacionam bastante com a análise feita do PPC anteriormente, abordada no capítulo anterior, onde vemos que o enfoque maior sobre área de conhecimento se realiza principalmente nos componentes da prática integradora, ou seja, buscam realizar na prática essa concepção por área de conhecimento, mas faltam, a nosso ver, momentos de planejamento e integração de fato entre componentes de cunho teórico também. E diante das falas dos entrevistados percebemos uma grande semelhança no que falam, mesmo sendo de áreas de conhecimento diferentes.

Nesse mesmo contexto achamos importante também saber que compreensão os egressos tem de interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, já que o curso tem o objetivo de formar profissionais habilitados para atuar na multidisciplinaridade, e por ter uma característica muito presente da interdisciplinaridade em sua prática.

Quadro 14 - Compreensão dos entrevistados sobre interdisciplinaridade

Entrevistados	Compreensão de interdisciplinaridade
Elza	“Pra mim interdisciplinaridade é, trata-se de você esta trabalhando as disciplinas intercaladas, as áreas de conhecimento, por exemplo, algum conteúdo, vamos dizer assim em que o professor possa esta ali visando trabalhar tanto na área de humanas, exatas linguagens como se fosse um eixo temático que ai vc vai interligar com as outras áreas de conhecimento”.
Elias	“Já ouvi falar, mas não deu pra entender alguma coisa não”.
Helena	“É você unir as disciplinas, vou falar disciplinas porque não vou pegar o conceito não, mas exemplo: você unir as disciplinas, to falando de historia mas vou trazer elementos de geografia, mas a minha disciplina é historia, mas vou trazer outros elementos, pode ser da minha área humanas, ou de outra área, não importa, mas eu vou unir”.
Heitor	”Ouvi falar, mas não lembro que seja isso não”.
Laura	“Interdisciplinaridade a gente confunde muito com transdisciplinaridade né? Mas interdisciplinar é quando a gente trabalha várias, vários campos de trabalho, vários campos de conhecimento, unindo com outros, eu sou de uma área, eu sou de, da área de linguagens, então posso trabalhar o português com, é... A língua estrangeira, português com literatura, então estou fazendo uma interdisciplinaridade, as áreas se complementando né? E trazendo o que uma tem de bom para a outra, as duvidas pra ver se dá pra criar um novo conhecimento, eu acredito que interdisciplinaridade pode ser isso”.
Lívio	”É trabalhar com varias disciplinas, sendo que, você tendo a sua especifica, mas podendo usar os conteúdos das outras para chegar em um determinado conhecimento, trabalhando em conjunto”.

Percebemos que o domínio sobre o conceito de interdisciplinaridade dos entrevistados é frágil e confuso. Dois deles conseguiram de compensatória explicar o que seria interdisciplinaridade, porem os demais não conseguiram expressar o que esse conceito abrange, pois confundiam bastante a interdisciplinaridade com a multidisciplinaridade. Segundo Fazenda (2002, pg.24) “o que se designa por interdisciplinaridade é uma atitude epistemológica que ultrapassa os hábitos intelectuais estabelecidos ou mesmo os programas de ensino”.

É importante esclarecer que não estamos preocupados que os alunos tenham total domínio sobre interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade, até por que são conceitos que levariam uma vida de pesquisa para entendê-los e, mesmo assim, não chegaria à sua plenitude, porém o que buscamos saber é se os estudantes compreendem pelo menos o básico sobre eles, já que são conceitos que dão vida a grande parte da estrutura do curso.

Os alunos concluintes e egressos entrevistados demonstram também neste aspecto, semelhanças em suas falas, percebemos que a fragilidade desses conceitos não está ligado apenas a uma área de conhecimento, mas as três áreas tem praticamente o mesmo grau de dificuldade em expressar a concepção sobre esses conceitos. Pois como já falei anteriormente a interdisciplinaridade, a contextualização dos conteúdos sempre está ligada as disciplinas integradoras.

Segundo os entrevistados curso de certo modo exige dos alunos uma pratica interdisciplinar quando se diz respeito as disciplinas integradoras, porém os alunos sentem a necessidade que haja uma boa preparação teórica, para que possam ter um bom desempenho na pratica.

“Teria que ter essa preparação lá atrás, dos próprios professores pra quando eu fosse dar uma aula de ciências, eu pudesse trabalhar um pouco de matemática, um pouco de física, um pouco de química, pra o aluno também ele ate relacionar, que o aluno que ta estudando ele não sabe relacionar, ele pensa que é tudo separado, são caixinhas diferentes, e não sabem que são numa caixa só”. (Elza)

No entanto é notório que os alunos não tem domínio suficiente sobre essa concepção interdisciplinar. De modo geral, tratam interdisciplinaridade como junção de várias disciplinas, o que se aproxima, teoricamente, mais do conceito de multidisciplinaridade. Augusto (2004) afirma que Multidisciplinaridade é o nível inferior de integração. Ocorre quando, para solucionar um problema, busca-se informações e ajuda em várias disciplinas, sem que tal intervenção contribua para modificá-las ou enriquecê-las.

Veremos agora qual a percepção que os entrevistados tem sobre a multidisciplinaridade.

Quadro 15 - Concepção dos entrevistados sobre multidisciplinaridade.

Entrevistados	Concepção de multidisciplinaridade
Elza	“Não sei. Deve ter algum elo de sentido com interdisciplinaridade, mas já que tem multi, já deve esta relacionado com multi-possibilidades, não sei”.
Elias	“É quando você aprende muitas disciplinas NE? É mas é isso ai, basicamente isso”.
Helena	“É unir varias, você unir uma, na multi eu vou unir varias, vou trazer varias”.
Heitor	“Também só ouvi falar, mas, eu acho que num me interessei muito por esse tema não”.
Laura	“Multidisciplinar, multi são muitas NE? Disciplinar disciplinas, então nós somos egressos, somos professores multidisciplinares a gente pode é, pegar uma carga horária de muitas disciplinas e fazer a interdisciplinaridade entre essas disciplinas”.
Lívio	“Eu opto por não responder”.

Nesse quadro observamos uma fala que é de suma importância destacá-la, a entrevistada Laura como vemos no quadro acima diz que pode atuar em carga horária com muitas disciplinas, apesar de o curso não pretender, e, na verdade, tentar se opor às políticas de precarização da formação e do trabalho docente, vemos nesta fala que o campo de trabalho de atuação do professor do campo poderá, a partir da habilitação por área de conhecimento, exigir polivalência deste profissional. Ou seja, em um curto tempo de quatro anos, formar professores que poderão cumprir a função de vários profissionais, preenchendo mais rapidamente o objetivo de "ampliar a oferta da educação básica", conforme Molina (2016).

No contexto das atuais retiradas de direito e de reformas educacionais que visam o aligeiramento da formação docente e mesmo dos estudantes da educação básica, como a atual reforma do ensino médio, é importante problematizarmos os impactos efetivos da formação por área de conhecimentos da Lecampo neste contexto e cenário concretos de atuação profissional. Não podemos perder de vista que as políticas educacionais, muitas vezes, têm se baseado em modelos de organização produtiva como o Toyotismo. Segundo Kuenzer (2007)

As novas formas de organização e gestão do trabalho cuja expressão mais marcante é o modelo toyotista, alterou o conceito de competência nas empresas. No final dos anos 1970, a introdução de tecnologias de produção e comunicação mais avançadas deu margem ao novo discurso sobre as competências. O disciplinamento e a conformação da subjetividade do trabalhador por meio da **formação para a flexibilidade, para a polivalência e para a adaptabilidade** às incertezas do mercado de trabalho configuraram-se como suas **matrizes** e se estenderam às formulações pedagógicas em educação escolar e cursos de educação profissional. (KUENZER, 2007, p. 2 e 3, grifos nossos).

Mesmo que no âmbito da discussão acadêmica e científica da Lecampo não sejam estes os pressupostos, devemos sempre analisar as concepções de currículo no bojo das políticas curriculares, para compreender suas implicações concretas.

Deste modo, as preocupações e angústias levantadas pelos entrevistados nos parecem coerentes, tendo em vista a tensão entre a formação docente que possuem no curso Lecampo, por um lado, e as demandas de atuação profissional (multi)disciplinar, por outro. No próprio PPC é explicitada a ideia de que as áreas específicas possuem caráter de *aprofundamento* curricular - o que pressupõe já uma inserção ou atuação profissionais determinada, o que já há alguns anos não se configura como o perfil predominante de ingresso dos cursistas.

A formação básica comum para a **docência multidisciplinar** será assegurada a todos os educandos (as), a partir dos fundamentos epistemológicos, sociológicos, filosóficos, psicológicos e históricos da educação, numa perspectiva de contextualização do campo e do semiárido brasileiro. No quarto período, cada estudante fará a opção pela ênfase em uma das áreas específicas de **aprofundamento** para o exercício da docência. (PPC, 2009. P 51).

Neste sentido, os apontamentos dos estudantes egressos e concluintes acerca da formação por área de conhecimento são relevantes para a análise dos aspectos de fragilidade e força do currículo Lecampo, na perspectiva dos entrevistados.

Quadro 16 - A formação curricular por área de conhecimento na Lecampo

Entrevistados	A formação curricular
Elza	<p>“Eu acredito que por área de conhecimento, a gente não é praticamente formado por área de conhecimento. Agente é formado por área de conhecimento assim, porque agente tem as disciplinas nessa perspectiva, mas os professores na nossa formação eles não trabalham pra gente ver essa possibilidade, pra gente trabalhar em sala de aula. Acho que falta isso, esse é um ponto ate que talvez seja negativo da nossa formação, porque por exemplo: o professor de biologia ta trabalhando ali o conhecimento relacionando a área dele, mas ele não objetiva aquele conteúdo pra área de química, não esta interligado e quando você sai dali você tem que ver as possibilidades, você que tem que pensar nas possibilidades, tentar ver as possibilidades, que as vezes você olha assim, como é que eu vou trabalhar matemática com biologia? Que aí você, fica aquela lacuna”. Agente tem vários lapecs, não sei se ainda tem, que as vezes você se pergunta pra que tanto lapec?”.</p>
Elias	<p>“Eu acho que eles não deram uma boa teoria. Algumas coisas foram bem relevante, de se trabalhar e sinto que vai ser muito importante na minha vida como profissional, mas algumas coisas eu achei que não teve nem uma importância. Aqueles lapecs, eu acho que, não... “</p>
Helena	<p>“Eu acho que minha base inicial da educação do campo, tanto é que eu lembro pouquíssimo da minha base inicial, os primeiros períodos, os lapecs, nossa senhora, esses foram terríveis os lapecs, acho até que o pessoal poderia repensar os lapecs”.</p>
Heitor	<p>“Eu acho que não contempla não [a formação por área de conhecimento], eu acho que o curso deixa a desejar. Ficam tudo enrolado, no final quando o aluno vai pro estágio na escola ele acaba sem saber o que fazer”</p>
Laura	<p>“Eu avalio, assim como eu sou da área de artes, eu sou, eu tenho um, o corpo mais pra área de artes, a mente mais pra área de artes, eu achei pouco, achei um pouco, deixou muito a desejar, mas eu sei que agora ta acontecendo algumas reformulações né? A gente de artes a gente já pagou linguagens, fundamentos da linguagens artísticas, e oficina de artes visuais, teatro tem também, a gente pagou algumas disciplinas, mas dentro dessa área mesmo, né? De aprofundamento artes foi muito pouco, mas eu já acredito que tenham outras disciplinas que são muito mais bem aproveitadas, tipo a lingüística mesmo, português a gente pagou muitas disciplinas de lingüísticas, de fonética, sociolingüística né? Então eu acho que o curso deveria ter um pouco mais de tempo, pra dar o suporte a todas essas disciplinas”.</p>
Lívio	<p>“Eu achei muito enriquecedor[o curso como um todo], só que existem disciplinas no curso que poderiam ser bem mais trabalhadas, tipo disciplina um, e ter uma continuidade, aquela disciplina modulo dois, modulo três, para que não fosse trabalhado tão superficialmente”.</p>

Anteriormente analisamos o domínio dos entrevistados sobre o conceito de trabalhar por área de conhecimento, porém agora analisaremos como se deu o processo de formação do entrevistado na perspectiva por área de conhecimento.

Os entrevistados relatam que tiveram uma boa formação pedagógica, porém uma formação específica que deixou a desejar. Há uma falta de aprofundamento das disciplinas específicas, causando uma insegurança na hora de atuar em sala de aula. Além dos conteúdos dos componentes curriculares específicos não suprirem sua formação ainda afirmam que outro problema recorrente seria que os próprios professores formadores não trabalham por área de conhecimento, ou seja, não conseguem contextualizar suas aulas para que tenham um melhor entendimento de como seria trabalhar por área de conhecimento. Por exemplo, Laura e Elza afirma que:

Nenhum dos professores trabalham por área de conhecimento, eu digo porque não vejo eles trabalhando por área de conhecimento, tem professor que trabalha lingüística ponto, tem professor que trabalha literatura ponto, tem professor que trabalha teatro ponto, não existe uma junção, a congregação das disciplinas. (Laura)

Agente é formado por área de conhecimento assim, porque agente tem as disciplinas nessa perspectiva, mas **os professores na nossa formação eles não trabalham [por área de conhecimento] pra gente ver essa possibilidade** pra gente trabalhar em sala de aula. (Elza)

Entendemos que esses dois aspectos, tanto o aprofundamento disciplinar dentro das áreas, como também a maior integração docente no trabalho por área de conhecimento é uma necessidade formativa para a atuação docente nas escolas. Pois segundo os entrevistados não basta formação geral por área de conhecimento, se não houver aprofundamento teórico disciplinar, o curso tem que relacionar os conteúdos dos componentes curriculares para que os alunos consigam atuar de uma forma contextualizada. Eles também relatam que as áreas são muito grandes, muitas disciplinas por área, e o curso não consegue suprir as necessidade que esse conjunto de disciplinas precisa, e acaba priorizando umas mais que outras. Uma solução para isso segundo eles seria a habilitação multidisciplinar em menor quantidade de disciplinas e mais aprofundamento, ou mais tempo de curso. Ex: Laura, diz que sua formação teve um aprofundamento melhor em algumas disciplinas, porém sentiu falta das disciplinas de artes, línguas estrangeiras serem mais aprofundadas:

De aprofundamento artes foi muito pouco, mas eu já acredito que tenham outras disciplinas que são muito mais bem aproveitadas, tipo a lingüística mesmo, português a gente pagou muitas disciplinas de lingüísticas, de

fonética, sociolingüística né? Então **eu acho que o curso deveria ter um pouco mais de tempo**, pra dar o suporte a todas essas disciplinas”. (Laura)

A aluna prossegue em sua fala, explicitando mais uma vez sua preocupação com a grande quantidade de conteúdos e componentes cursados, porém, sem o devido aprofundamento que a formação docente requer.

Essa questão realmente em focar em uma disciplina e esquecer as outras, como eu já citei né? É inglês, língua estrangeira, a gente ate tem né? Inglês 1 e inglês 2, espanhol 1, espanhol 2, francês 1 e francês 2, ok, são duas línguas estrangeiras que a gente vai pagar, mas dois só, dois não da não, é muito pouco, **a gente vai aprendendo uma coisinha ali, uma coisinha acolá, mas era melhor que fosse algo mais aprofundado também,né?”** (Laura)

Ex: Da mesma forma vemos na fala dos alunos da área de exatas:

“A gente não vê a disciplina em si, a gente vê a introdução à microbiologia, mas não vê a disciplina microbiologia, você vê a introdução de química orgânica, **você vê, tipo, só a introdução da introdução, quando você chega em sala de aula tem coisa que você não sabe nem como trabalhar.** A gente ta tendo a primeira formação, muitos que procuram o curso são pessoas que não tem formação, são poucos os que têm formação, na minha época era poucas pessoas que já tinham formação, então eu não tinha formação nem uma, então eu estava tendo a introdução, eu era como se eu já tivesse visto, eu estava vendo pela primeira vez”. **Elza**

“Mas a questão de é introdução da introdução que você vai conversar com alguém que já é formado (por disciplina), que eles pagam disciplina matemática 1, matemática 2, matemática 3, e ali uma vai puxando a outra, mas **a gente não, é introdução e na introdução ela para.** São alguns pontos que talvez teriam que ser revistos. Até a proposta do próprio curso que é licenciatura em educação do campo, mas talvez fosse pedagogia do campo, será que não seria mais interessante? Ate como proposta pra concursos já que a gente ate pra o mercado de trabalho ta difícil de conseguir, mudar até a nomenclatura do curso, não sei (risos)”. **Elza**

Nessas falas, Elzadeixa clara sua preocupação com a dimensão da atuação docente, e com o quanto a formação por área de conhecimento, introduz uma série de conhecimentos aos estudantes, porém, se restringe, conforme menção da aluna, à "introdução da introdução".

Ex. Não é diferente nos entrevistados da área de humanas;

“eu acho que o curso deixa a desejar nisso”, (componentes curriculares). **Heitor**

“Mas o curso mesmo as disciplinas teve algumas que ficaram assim faltando”. (aprofundamento). **Helena**

Percebemos, pela fala dos estudantes entrevistados, que em cada área tem grandes lacunas de alguns conhecimentos e disciplinas, há uma hierarquia entre as disciplinas algumas

são mais aprofundadas do que outras. Porém sabemos que sem uma boa teoria a prática ficaria comprometida.

Tem que haver uma coerência, um equilíbrio da prática e teoria, não adianta ter uma boa teoria se não tiver uma preparação para a prática, e ao mesmo tempo não adianta ter prática sem base teórica, pois que tipo de prática será essa sem uma formação teórica? Fragilizada e sem um aprofundamento necessário. É importante entendermos, por outro lado, que a interdisciplinaridade não exclui as disciplinas.

Trazendo essas reflexões para a compreensão de nosso tema - o ensino - a interdisciplinaridade pode ser tomada como uma possibilidade de quebrar a rigidez dos compartimentos em que se encontram isoladas as disciplinas dos currículos escolares. No entanto, ela não deve ser vista como uma superação das disciplinas, mas, como propõe Follari (1995b), uma etapa superior das disciplinas, disciplinas essas que se constituem como um recorte mais amplo do conhecimento em uma determinada área. Este recorte tem o objetivo de possibilitar o aprofundamento de seu estudo, é uma necessidade metodológica legítima e necessária, porém insuficiente para garantir a formação integral dos indivíduos.

Com isso propostas políticas educacionais hegemônicas tendem a se beneficiar de forma errônea de conceitos como múltipla e interdisciplinar, com o intuito de atentar para processos de precarização da formação e do trabalho docente, ampliando a sobrecarga de funções na escola por um único professor.

4.3 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NOS DISCURSOS DOS ENTREVISTADOS

Ao analisar as falas dos entrevistados percebemos vários pontos semelhantes em seus discursos, mesmo sendo de áreas distintas, as experiências vividas por eles ao longo do curso se assemelham, como vemos no quadro acima as sugestões e críticas são bem aproximadas, de modo geral. Algo muito importante que eles retratam em suas falas é que o curso não consegue fornecer uma base teórica satisfatória quando se fala das áreas específicas.

Um ponto muito positivo no qual todos falam é sobre o PIBID, que para eles foi uma experiência de fundamental importância para sua formação. “O PIBID que é um, além de nos proporcionar um conhecimento teórico, o conhecimento prático, eu acho bem mais enriquecedor o aluno pode ir a campo pra colocar o que ele aprendeu na teoria em prática, e também aprender dos alunos, que é um jogo de ida e volta” (Lívio). Este aspecto é importante pois ressalta que o currículo vai além do que está proposto no PPC e do que é vivenciado no

âmbito dos componentes estritos do curso. Por outro lado, indica que os componentes que deveriam, pelo PPC, cumprir este papel de articulação entre teoria e prática no currículo podem não estar sendo suficientes ou produtivas, tais como revelam as críticas aos componentes de alternância (como os Lapecs e Estágio). O redirecionamento destes componentes, buscando aprofundar tal interrelação entre teoria, prática, contextualização, está em curso no processo de reformulação curricular iniciado em 2015 e ainda em curso durante a realização desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa assumimos o desafio de refletir e analisar a concepção dos egressos e concluintes da Lecampo sobre a formação por área de conhecimento, buscando entender essa visão juntamente com a análise do PPC do curso, relacionando as experiências de formação dos entrevistados com o PPC e os componentes curriculares do curso e os conceitos que estruturam essa proposta pedagógica, como a formação por área de conhecimento, a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade.

Com isso, nossa análise do PPC primeiramente nos conduziu através dos conceitos-chave nos quais o curso é orientado. O curso, em sua proposta, habilita os educandos para uma formação por área de conhecimento trabalhando numa perspectiva multidisciplinar. Porém, nos componentes curriculares do curso observamos que quase não houve incidência do termo multidisciplinar em relação aos componentes curriculares do curso, sendo citado em pouquíssimas disciplinas específicas. Já a interdisciplinaridade teve uma incidência maior nos componentes da Área Integradora, os componentes curriculares que trabalham a prática de alternância. Destacamos, ainda, que a carga horária dos componentes das disciplinas de formação básica é bem maior que as das áreas específicas.

Em seguida, buscamos relacionar esses dados sobre o PPC com as falas das entrevistas que fizemos com os egressos e concluintes do curso, para avaliar se a percepção que eles tem da formação por área de conhecimento tem alguma conexão com as lacunas que identificamos no PPC. E o resultado foi positivo, nas falas dos entrevistados, eles relatam que o curso não conseguiu deixar clara a sua proposta de formação no que se refere à formação por área de conhecimento e as suas relações com a multi e interdisciplinaridade.

Além disto, os entrevistados indicaram que os componentes curriculares principalmente os da área específica não foram suficientes para dar uma boa base formativa, não havia uma relação integrada entre teoria e prática, sentiam-se perdidos por não saberem lidar na prática com a multidisciplinaridade.

Outro aspecto destacado nas entrevistas é o de que, as áreas de conhecimento poderiam concentrar-se no ensino de menor número de disciplinas para um melhor aprofundamento. Para os entrevistados outra solução para esta contradição também poderia ser a de que o curso tivesse mais tempo de formação para que pudesse dar conta da área de conhecimento como um todo. Ou seja, no tempo em que dispomos, haveríamos de diminuir a amplitude do conjunto de disciplinas abordadas em cada área, ou em outro sentido, ampliar o

tempo de formação - o que também possui fortes implicações para o curso, sua manutenção, evasão, etc.

Pela observação dos aspectos analisados, conseguimos identificar algumas lacunas na qual o PPC do curso apresenta, e acreditamos que nossa pesquisa foi de grande relevância no que diz respeito a críticas construtivas em relação ao currículo do curso. E esperamos que nossa análise tenha sido um gatilho que favoreça o olhar diferenciado sobre tais fragilidades na proposta curricular, contribuindo então para que outras análises referentes ao PPC sejam aprofundadas, para que na reformulação curricular em curso possa ocorrer com menos fragilidades, enriquecendo a proposta do curso e fortalecendo ainda mais a formação dos próximos educando a serem formados no curso de Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012.
- CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. **Interdisciplinaridade: um novo paradigma do conhecimento?**. Curitiba: Educ Ver, 1994
- FAZENDA, Ivani Catarina A (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Ed. Papirus. São Paulo, 1998
- FAZENDA, Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 5 ed. Loyola. São Paulo, 1991.
- FAZENDA, Ivani (Org). **O que é interdisciplinaridade**. 2 ed. Cortez. São Paulo, 2013
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2008.
- MENEZÊS, Mariana Carla Leite. Licenciatura interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande: possibilidades e desafios na formação da área de conhecimento das ciências humanas e sociais. / Rodolfo Antonino Leão. - Sumé - PB: [s.n], 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 4ed. São Paulo HUCITEC-ABRASCO 1996.
- MOLINA, Mônica Castagna, SÃ, Laís Mourão (org). Licenciatura em educação do campo. Ed. Autentica editora. Belo Horizonte, 2011.
- PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO. Universidade Federal de Campina Grande Centro de desenvolvimento sustentável do semiárido-Campus Sumé. Agosto de 2011.
- SABERES E FAZERES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: reflexões sobre formação de professores e prática educativa. Organização: Teresina: EDUFPI, 2017.
- SANTOMÉ, Jurgo T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SEVERINO, Antônio Joaquim **Metodologia do trabalho científico**, 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Maria do Socorro. **Educação do campo: um conceito uma prática em construção**. 2009.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

Questionário

1º Ano de entrada no curso.

2º Ano de conclusão do curso.

3º Qual sua idade?

4º Você tem outro curso superior?

5º Qual sua área de conhecimento?

6º Defina interdisciplinaridade.

7º O que é multidisciplinaridade?

8º Você tem experiência profissional na área educacional (atuação em escolas do campo)?

9º Você tem experiência de iniciação à docência (PIBID) (atuação em escolas do campo)?

10º Na sua concepção, o que é trabalhar por área de conhecimento?

11º Durante todo o percurso do Curso, como você avalia o desenvolvimento da formação por área de conhecimento? Quais aspectos positivos que merecem ser mantidos? Quais negativos ou que merecem ser reformulados no currículo?

12º Quais experiências ao longo do curso mais contribuíram para você aprender a trabalhar por área de conhecimento?

APÊNDICE B - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Entrevistado numero 1

1º 2010

2º 2014

3º 27

4º Ciências exatas da Natureza

5º Pós-graduação em Ensino de ciências e matemática para a convivência com o semiárido.

6º Pra me interdisciplinaridade é, trata-se de você esta trabalhando as disciplinas intercaladas, as áreas de conhecimento, por exemplo, algum conteúdo, vamos dizer assim em que o professor possa esta ali visando trabalhar tanto na área de humanas, exatas linguagens como se fosse um eixo temático que ai vc vai interligar com as outras áreas de conhecimento.

7º Não sei. Deve ter algum elo de sentido com interdisciplinaridade, mas já que tem multi, já deve esta relacionado com multi-possibilidades, não sei.

8º Tenho sim experiência, atuei por dois anos na escola do campo.

9º Não

10º Pra me trabalhar por área de conhecimento já que sou formada na perspectiva de área, é vc ta, como eu sou na área de exatas, ta interligando conhecimentos de física, química, matemática e biologia.

11º Eu acredito que por área de conhecimento, a gente não é praticamente formado por área de conhecimento. Agente é formado por área de conhecimento assim, porque agente tem as disciplinas nessa perspectiva, mas os professores na nossa formação eles não trabalham pra gente ver essa possibilidade pra gente trabalhar em sala de aula. Acho que falta isso, esse é um ponto ate que talvez seja negativo da nossa formação, porque por exemplo: o professor de biologia ta trabalhando ali o conhecimento relacionando a área dele, mas ele não objetiva aquele conteúdo pra área de química, não esta interligado e quando você sai dali você tem que ver as possibilidades, você que tem que pensar nas possibilidades, tentar ver as possibilidades, que as vezes você olha assim, como é que eu vou trabalhar matemática com biologia? Que ai você, fica aquela lacuna, ah tem essa temática, vamos dizer ah, alimentação saudável, como trabalhar matemática em alimentação saudável? Então você tem que visar através da internet dos recurso didáticos que alguém já pensou, e não que você pensou, mas que a própria universidade dando essa informação não vejo que os professores tenham essa preparação pra gente, não traz, eles estão trabalhando cada um ali, mas de forma isolada e não em conjunto, não vejo essa, na minha formação não teve isso, professor de introdução a microbiologia ele tava ali ensinando, mas não tava interligado com o professor de química nem com o de física, era algo separado então pra você sair trabalhar essa formação é bem complicado. É você que tem que pensar ou procurar recursos.

Aspectos que deveriam ser reformulados no currículo: Pra mim no meu ponto de vista era dos professores realmente visarem a possibilidade de trabalharem juntos, professor que ta ensinando ali biologia ta vendo possibilidades de conteúdos com a professora de química ou com matemática, não so de forma isolada como é feito cada um ali na sua disciplina. E da questão também, outra coisa que eu tinha pensado, acabei esquecendo. Que talvez, não sei se o curso ele merecia mais tempo já que a gente sai com uma formação por área de conhecimento que exigam... Eu retirava algumas disciplinas que não sei se já foram retiradas, se foi reformulado a grade curricular que eu fiquei já sabendo que foi algumas questões. A gente tem vários lapecs, não sei se ainda tem, que as vezes você se pergunta pra que tanto lapec? Introdução a gente não ver a disciplina em si, a gente ver a introdução a microbiologia, mas não vê a disciplina microbiologia, você vê a introdução de química orgânica, você vê tipo so a introdução da introdução, quando você chega em sala de aula tem coisa que você não sabe nem como trabalhar. A gente ta tendo a primeira formação, muitos que procuram o curso são pessoas que não tem formação, são poucos os que tem formação, na minha época era poucas pessoas que já tinham formação, então eu não tinha formação nem uma, então eu estava tendo a introdução, eu era como se eu já tivesse visto, eu estava vendo pela primeira vez, então até pra você, matemática mesmo era uma das disciplinas que eu não me sinto segura pra ministrar aula, agora por exemplo: química e biologia eu tenho mais afinidade e eu gostar também procuro, também estar por você que ta ali formado ne? Mas a questão de é introdução da introdução que você vai conversar com alguém que já é formado (por disciplina), que eles pagam disciplina matemática 1, matemática 2, matemática 3, e ali uma vai puxando a outra, mas a gente não, é introdução e na introdução ela para. São alguns pontos que talvez teriam que ser revistos. Até a proposta do próprio curso que é licenciatura em educação do campo, mas talvez fosse pedagogia do campo, será que não seria mais interessante? Ate como proposta pra concursos já que a gente ate pra o mercado de trabalho ta difícil de conseguir, mudar ate a nomenclatura do curso, não sei (risos).

12º Acho que acredito mais na questão dos estágios, as experiências nos estágios, no PIBID, eles contribuíram bastante, mas o que eu vejo mesmo é a pratica ela é essencial! Você so vai aprender na pratica, talvez não propriamente no próprio curso que eu aprendi alguma coisa, mas fora dele,

O curso não te contemplou da forma que deveria?

Não contemplou como deveria, tipo objetivo por trás do que ele tem, né? Ele objetiva uma coisa, mas que no fim não é, ta muito na teoria, mas na pratica ainda falta muito a ser feito, eu vejo dessa forma, e questão de profissional né? Porque por exemplo; estagio você não esta fazendo estagio, não sei se mudou, mas na época, o estagio era so por disciplina, então se é por are de conhecimento teria que esta interligando as disciplinas ah qual estudei, então teria que ter essa preparação lá atrás, dos próprios professores pra quando eu fosse dar uma aula de ciências, eu pudesse trabalhar um pouco de matemática, um pouco de física, um pouco de química, pra o aluno também ele ate relacionar, que o aluno que ta estudando ele não sabe relacionar, ele pensa que é tudo separado, são caixinhas diferentes, e não sabem que são numa caixa só.

Entrevistado numero 2

1º 2011

2º 2018

3º 28

4º Ciências Humanas e Sociais

5º Não

6º Ouvi falar, mas não lembro que seja isso não.

7º Também só ouvi falar, mas, eu acho que num me interessei muito por esse tema não.

8º Não

9º Não

10º Trabalhar por área de conhecimento é, trabalhar, trabalhar por disciplina NE? Englobando varias disciplinas.

11º Eu acho que, eu acho que não é muito bom não esse negocio de área de conhecimento, acho que deveria ser o curso, deveria ser assim como os outros demais cursos, ter um objeto direto, acho que área de conhecimento.

Você acha que o curso não contempla essa concepção?

Não, não, englobam muita coisa e ao mesmo tempo nada.

Eu acho que deveria continuar em si a formação do curso NE? Essa formação que o curso engloba, é uma formação diferente, ouvindo os sujeitos, mas eu acho que deveria tirar essa história de essa carga horária de 3 dias como se fosse a semana inteira e no final é cansativo de mais e ninguém aprende, absorção de conhecimento é de menos.

Um é esse da, carga horária é um NE? O outro é a questão do estagio, eu acho que deveria ser feito no final curso, como é os demais curso, esse negocio de estagio durante o curso isso num...

Vários estágios tu não gosta não?

E outra coisa, deveria ser retirado esse tal de lapec que isso não serve de nada não, é uma coisa que num. Não serve de nada, serve pra que? Num serve de nada, só pra encher lingüiça.

12º Eu acho que a vivencia e o trabalho de campo, eu acho que a ida na escola, PIBID, os demais projetos, os diferentes ambientes que o curso oferece.

Mas no caso dentro de sala de aula, na teoria tu acha que não contemplou?

Não, eu acho que não contempla não, eu acho que o curso deixa a desejar nisso.

Não ensinam direito aos alunos o que é trabalhar por área de conhecimento?

Não, não, ficam tudo enrolado, no final quando o aluno vai pro estágio na escola ele acaba sem saber o que fazer.

Entrevistado número 3

1º 2013

2º 2017

3º 26

4º Linguagens e códigos

5º Não

6º Interdisciplinaridade a gente confunde muito com transdisciplinaridade NE? Mas interdisciplinar é quando a gente trabalha varias, vários campos de trabalho, vários campos de conhecimento, unindo com outros, eu sou de uma área, eu sou de, da área de linguagens, então posso trabalhar o português com, é... A língua estrangeira, português com literatura, então estou fazendo uma interdisciplinaridade, as áreas se complementando NE? E trazendo o que uma tem de bom para a outra, as duvidas pra ver se dá pra criar um novo conhecimento, eu acredito que interdisciplinaridade pode ser isso.

7º Multidisciplinar, multi são muitas NE? Disciplinar disciplinas, então nós somos egressos, somos professores multidisciplinares a gente pode é, pegar uma carga horária de muitas disciplinas e fazer a interdisciplinaridade entre essas disciplinas.

Qual a diferença que você acha entre as duas?

Interdisciplinar é quando eu pego meu campo de conhecimento que é linguagens e códigos e eu trabalho com ela ali NE? So ali com as áreas das linguagens. E multidisciplinar é quando eu vou buscar em outros campos do conhecimento elementos pra me trabalhar também minha área de aprofundamento, então é o que a gente chama de transdisciplinaridade.

8º Já ensinei no Brasil alfabetizado.

9º Sim, escola do campo Bento Tenório de Sousa (Assentamento Sta. Catarina).

10º Trabalhar por área de conhecimento é fraguimentar as áreas NE? Isso é obvio, fraguimentar as áreas e trabalhar dentro dessas próprias áreas, vocês são de humanas, vocês trabalham as áreas de humanas, né? E eu sou de linguagem, eu trabalho as áreas de linguagens, disciplinas de linguagens quem é de exatas vai trabalhar as disciplinas de exatas. Eu acho que fica muito desfraguimentado, eu sei que se a gente se juntasse assim, três indivíduos que são de ares distintas poderia sim ter um trabalho NE? Essa complementação das áreas de conhecimento, o que a gente ver no curso é isso, eu to na minha área to aprendendo, algo sobre literatura, literatura brasileira, vcs são de humanas estão aprendendo história do Brasil, ou história da Paraíba que é algo que é muito interessante para que a gente possa saber também. É os meninos de exatas estão trabalhando biologia, corpo humano, anatomia em fim, tudo que a gente precisa saber um pouco, a gente não vai saber de tudo, mas quando a gente trabalha essa área de conhecimento fraguimentado a gente perde muita coisa a ser aprendido.

Tu acha que poderia fazer uma junção?

Com certeza! E ter como tem agora, as colocações em comum, os alunos eles vão pra um evento ai eles, vivenciam coisas La e depois eles vêm trazem a colocação em comum, fazem a colocação em comum, dizem o que vivenciaram lá, quais foram os conhecimentos construídos, eu acho que nas áreas deveriam ter esses congressos, esses simpósios NE? Olhe na área de humanas a gente ta trabalhando isso, história da Paraíba, é... discutimos isso tal tal tal, na área de de de linguagens também e de exatas. Então acredito que é essa questão de trabalhar área de conhecimento fraguimentada deixa muito disperso, inclusive até a própria turma, o que pra muitas pessoas vai ser de menos, mas quando a gente foi separado por área de conhecimento a gente ficou meio disperso, e ficou NE, ah minha área é melhor, minha área é mais importante, que eu acho desnecessário.

11º Eu avalio, assim como eu sou da área de artes, eu sou, eu tenho um, o corpo mais pra área de artes, a mente mais pra área de artes, eu achei pouco, achei um pouco, deixou muito a desejar, mas eu sei que agora ta acontecendo algumas reformulações NE? A gente de artes a gente já pagou linguagens, fundamentos da linguagens artísticas, e oficina de artes visuais, teatro tem também, a gente pagou algumas disciplinas, mas dentro dessa área mesmo, NE? De aprofundamento artes foi muito pouco, mas eu já acredito que tenham outras disciplinas que são muito mais bem aproveitadas, tipo a lingüística mesmo, português a gente pagou muitas disciplinas de lingüísticas, de fonética, sociolingüística NE? Então eu acho que o curso deveria ter um pouco mais de tempo, pra da o suporte a todas essas disciplinas.

Durante o curso esse conceito de trabalhar por área de conhecimento foi bem trabalhando?

Não, nem um dos professores trabalham por área de conhecimento, eu digo porque não vejo eles trabalhando por área de conhecimento, tem professor que trabalha lingüística ponto, tem professor que trabalha literatura ponto, tem professor que trabalha teatro ponto, não existe uma junção, a congregação das disciplinas, não existe uma proposta de divisão de disciplina que é interessante, a não ser naquelas disciplinas de introdução as linguagens e códigos ou fundamentos das linguagens artísticas, ou as de introduções de humanas, que vêm professores em cada aula pra dar sua aula, mas é separado ainda NE? Ainda é desfraguimentado, porque não cria um mecanismo de congregar tudo ne?

Eu acho que as disciplinas integradoras, as disciplinas que trazem uma aporte da pedagogia NE? Que estavam todos juntos ali construindo seus conhecimento, mas que cada um já sabia pra onde ia, que tinha gente que sabia, que tinha certeza que ia pra uma área, mas depois se apaixonou por outras coisas e foi pra outra área, então essas disciplinas, é... Que estão todos ali relacionados NE? As integradoras eu acho que deveriam ser mantidas e mais reforçadas.

Essa questão realmente em focar em uma disciplina e esquecer as outras, como eu já citei NE? È inglês, língua estrangeira, a gente ate tem NE? Inglês 1 e inglês 2, espanhol 1, espanhol 2, francês 1 e francês 2, ok, são duas línguas estrangeiras que a gente vai pagar, mas dois só, dois não da não, é muito pouco, a gente vai aprendendo uma coisinha ali, uma

coisinha acolá, mas era melhor que fosse algo mais aprofundado também NE? Que o curso tivesse mais humanas, em fim, mas que a preparação fosse muito mais intensa, porque nós saímos preparados com certeza, tanto dessa questão didática NE, do currículo, a gente conseguiu, organizar nossas aulas, a gente conseguiu fazer um plano de aula, a gente consegue quais são os componentes curriculares que agente deve trabalhar naquele determinado momento, a isso aí a gente faz muito bem, porque em uma disciplina a gente já viu base pra que nos norteie pra prática. Era nessa questão do aprofundamento que foi negativo, das áreas entendesse? Porque visa uma coisa, e deixa outras de lado. Nós estamos nos formando por área de conhecimento, engloba aquela área de conhecimento então a gente precisa ter mais um aprofundamento.

12º As experiências na verdade podem ser até no sentido... Eu queria muito falar sobre o PIBID diversidade sobre as práticas que eram desenvolvidas NE? Então a gente percebia ali que tudo estava sendo efetivado, não da forma que deveria ser, porque algumas coisas não dependem só da gente, algumas coisas não só dependem de um professor, depende do próprio currículo, das próprias normas, das próprias leis, mas ali no momento que congregava todo mundo no PIBID, no ENID diversidade, quando houve as práticas pedagógicas das escolas do campo 2013 que foi um dos primeiros eventos que participei, eu vi ali que realmente estava sendo trabalhado, estava sendo efetivado, dentro das escolas do campo, não só na universidade, mas escolas também vinham trabalhando esse foco não só por área de conhecimento mas contextualizar. Então o que adianta trabalhar só por área de conhecimento e não trabalhar a contextualização, então também vinha nesse sentido de trabalhar por área de conhecimento e de contextualizar o que a gente tava trabalhando.

Então o PIBID foi o principal responsável para você aprender mais sobre o que trabalhar por área de conhecimento?

Sim porque teve práticas do PIBID que não foram da escola que eu estava que mostravam que tava trabalhando área de conhecimento e tava trabalhando a transdisciplinaridade também, a interdisciplinaridade.

Então você acha que a prática contribuiu mais do que a teoria em sala de aula?

Com certeza a gente não discutia muito essa questão de área de conhecimento, a gente sabia que a gente saiam habilitados pra essa área de conhecimento aqui, mas quando a gente sai da universidade poucos são os que assumem uma área de conhecimento pra trabalhar. Eu não sou de área de conhecimento, eu entendo assim razoavelmente de área de conhecimento, sei que eu saio habilitado pra essa área de conhecimento linguagens e códigos, vou dar aula de artes, educação física, língua estrangeira, português e literatura né? Se eu for trabalhar em uma escola do campo NE? Embora que não seja no campo, mas eu não sou professor de área de conhecimento, eu não estou com as competências dessas áreas em si, estou com duas competências dessa área, que é o teatro e arte, entendeu? Então eu sei que a prática foi muito importante também, as práticas que a gente vivenciava na universidade que eram chão, braço da universidade lá nas escolas do campo, mas minha prática hoje não é voltada pra área de

conhecimento, infelizmente não, mas quem sabe um dia. Trabalhar por área de conhecimento é algo muito árduo, ter que lidar com todas aquelas competências, mas é algo valoroso, é valido, porque o professor vai esta aprendendo lá com o aluno, ele não vai chegar lá dizendo que sabe tudo sobre área de conhecimento, eu sei de todas essas áreas aqui, mentira, se ele disser isso, vai estar sendo mentiroso.

O que você acha que poderia ser feito para que na teoria melhorasse essa concepção de trabalhar por área de conhecimento?

Eu acho que mais estudos mais trabalhos escritos, os trabalhos mesmo que a gente desenvolve, que a gente so traz uma experiência, mas a gente não traz essas contextualização de trabalhar por área de conhecimento, quem ta trabalhando? O povo La do PioX ta trabalhando, e porque eu não vou La pra pesquisar? Pra saber como é? Como eles se organizam? Ne? Pra escrever um trabalho pra ter uma base teórica pra fulaninho quando entrar na universidade saber também mais o menos o que é. Porque a gente falando aqui no senso comum, é so colocar La um professor que sabe trabalhar todas as áreas, mentira, não é.

Entrevistado número 4

1º 2013

2º 2018

3º 25

5º Ciências humanas e sociais

4º Não

6º É você unir as disciplinas, vou falar disciplinas porque não vou pegar o conceito não, mas exemplo: você unir as disciplinas, to falando de historia mas vou trazer elementos de geografia, mas a minha disciplina é historia, mas vou trazer outros elementos, pode ser da minha área humanas, ou de outra área, não importa, mas eu vou unir.

7º É unir varias, você unir uma, na multi eu vou unir varias, vou trazer varias.

8º Não

9º Sim, na escola do PioX

10º Não sei ainda (risos), estou aprendendo. Entendo que área de conhecimento humanas, então vou trabalhar o objeto da área de humanas, o objeto da área das ciências humanas e sociais é o homem, então vou trabalhar todos os aspectos do homem, a partir de um conteúdo eu vou trabalhar, todos os aspectos do homem que permeiam aquele homem, ser social, é geográfico, tudo, questionar que é da filosofia, e filosofia tá aí uma coisa complicada pra mim. Mas espero melhor meu conhecimento, pois ainda não sei de fato.

11º O estagio foi horrível, tirando um estagio que realmente foi bom, mas por exemplo; a gente tem estágios no ensino fundamental e médio, no médio eu não tive e pra mim fez falta sim. Tirando os estágios, a gente viu sim, mas a gente viu mais no PIBID, eu tive a minha experiência lá no Amparo e não é por área de conhecimento é por disciplina, só que o que acontece, a gente ia pra La com um olhar de área de conhecimento porque era nossa formação, mas La no Pio X tinha área de conhecimento de fato, e aí foi mais, a gente conseguiu ver em pratica, mas não consegui colocar o que eu queria, mas o curso mesmo as disciplinas teve algumas que ficaram assim faltando.

Então durante todo o percurso do curso, disciplinarmente teoria pra você foi valido?

Não, faltou, faltou muita coisa pra mim eu acho, tanto é que se não fosse o PIBID, se eu não tivesse uma experiência como o PIBID, não sei se eu saberia o que eu sei hoje, por mais que seja pouco, mas o PIBID ajudou muito, sem o PIBID eu não sei como iria ficar. Só teve um estagio que pra mim que valeu assim, eu acho que falta muita coisa ainda pra ser refletida no curso ainda.

Sim quando eles dialogavam a teoria com a pratica, eu acho muito interessante, no laboratório, apesar que as vezes a gente via um pouco de geografia pura, mas a gente conseguia ver um pouco de pratica de método, isso é bom, não é so teoria, mas você via a pratica o método, como é que funciona.

Eu acho que minha base inicial da educação do campo, tanto é que eu lembro pouquíssimo da minha base inicial, os primeiros períodos, os lapecs, nossa senhora, esses foram terríveis os lapecs, acho ate que o pessoal poderia repensar os lapecs.

12° O PIBID, se não fosse o PIBID eu não saberia o pouco que eu sei sobre a minha área de conhecimento, porque a gente ia na pratica, a gente so vê o que na universidade? Teoria, teoria, mas de fato pratica a gente não via porque os estágios não contemplaram isso. Realmente o PIBID foi uma pratica que pra mim foi uma ação significativa, fez uma diferença na minha formação.

Entrevistado número 5

1º 2012

2º 2018

3º 27

4º Linguagens e códigos

5º Não, não tenho outro curso superior

6º É trabalhar com varias disciplinas, sendo que, você tendo a sua especifica, mas podendo usar os conteúdos das outras para chegar em um determinado conhecimento, trabalhando em conjunto.

7º eu opto por não responder.

8º No mais educação.

9º Não

10º trabalhar por área de conhecimento é enveredar por, pela divisão que no caso do curso, linguagens, humanas, exatas. E minha área de conhecimento é linguagens então eu vou ter que trabalhar essa, conteúdos que enriqueçam o conhecimento do aluno nessa área.

11º Eu achei muito enriquecedor, só que existem disciplinas no curso que poderiam ser bem mais trabalhadas, tipo disciplina um, e ter uma continuidade, aquela disciplina modulo dois, modulo três, para que não fosse trabalhado tão superficialmente.

Creio que esse trabalho com a a interdisciplinaridade, o PIBID que é um, alem de nos proporcionar um conhecimento teórico, o conhecimento pratico, eu acho bem mais enriquecedor o aluno pode ir a campo pra colocar o que ele aprendeu na teoria em pratica, e também aprender dos alunos que é um jogo de ida e volta.

12º Com certeza o PIBID, eu pude com a Judá da supervisora, desenvolver como eu já falei, o que eu coloquei o que eu aprende na parte teórica, mas também ter a surpresa a questão do aluno, cada sala, por mais que a aula seja igual pra todas, cada aluno, ou cada momento, ele vai proporcionar novas experiências, isso é muito enriquecedor pra o formando.

Entrevistado número 6

1º 2014

2º 2018

3º 22

4º ciências exatas da natureza

5º Não

6º já ouvi falar, mas deu entender alguma coisa não.

7º É quando você aprende muitas disciplinas NE? É mas é isso ai, basicamente isso.

8º Não, ainda não

9º No PIBID sim, no Píox

10º eu acho que é você focar especificamente naquele âmbito que você sente mais segurança pra, quem sabe dar aula, ministras aulas. O pessoal que se identifica mais com exatas parte pra área das exatas, de humanas, vai pras humanas e linguagens pra linguagens, eu acho que é importante dividir as áreas, porque nem todo mundo tem interesse de aprender a mesma coisa, mas eu também acho que deveria, algumas disciplinas deveriam puxar mais no conjunto tipo, um aluno de exatas aprender algumas coisas também de historia, e visse e versa.

11º Não eu acho que eles não deram uma boa teoria.

Sim algumas coisas foram bem relevante, de se trabalhar e sinto que vai ser muito importante na minha vida como profissional, mas algumas coisas eu achei que não teve nem uma importância. Aqueles lapecs, eu acho que, não...

12º O PIBID foi muito interessante, porque eu trabalhei em dois PIBIDs, o de humanas e o de exatas, eu pude ver eu pude ter um pouco de experiência dos dois NE? Então eu como vou me formar em exatas, no PIBID eu vi que, como é que eu vou ministrar as aulas, quais os assuntos que eu vou abordar, o PIBID foi bem interessante. Os estágios também, mas os estágios não contribuíram tanto como o PIBID.